

OPINIÃO

A bolha da inteligência artificial e a repetição de um velho erro do mercado

Fernando Baldin (*)

Toda grande transformação tecnológica carrega um paradoxo, onde ao mesmo tempo em que é inevitável, também é superestimada no curto prazo.

Inteligência artificial parece ter chegado exatamente a esse ponto, e não porque seja frágil ou passageira, mas porque foi elevada cedo demais à condição de destino incontornável.

A pergunta, portanto, não é se a IA é relevante, isso já está resolvido. A pergunta mais honesta é se o mercado está conseguindo separar infraestrutura de euforia, valor real de narrativa, e resultado concreto de promessas bem embaladas.

A história oferece um paralelo para esse cenário, onde no final do século XIX, as ferrovias simbolizavam o futuro e investir em trilhos significava apostar no progresso. O problema é que em determinado momento, deixou de importar onde os trilhos levavam, bastava que existissem. Linhas foram construídas sem demanda, empresas surgiram sem modelo de negócio sustentável e métricas equivocadas passaram a definir sucesso, como quilômetros instalados e não passageiros transportados.

Hoje, o discurso é outro, mas o padrão se repete com modelos maiores, mais parâmetros e mais tokens processados. Métricas técnicas sofisticadas, porém, muitas vezes desconectadas do impacto operacional. Assim como no passado se media o progresso pela extensão da malha ferroviária, agora mede-se inovação pela escala do modelo, não pelo resultado entregue.

Apenas em 2024, investimentos globais em startups de IA alcançaram cerca de US\$ 110 bilhões, conforme uma análise da Dealroom, plataforma de dados e inteligência. Esses investimentos foram concentrados majoritariamente em iniciativas ainda precárias, com ciclos de retorno pouco claros. Ao mesmo tempo, vimos que uma parcela das empresas que iniciaram projetos de IA em larga escala não conseguiu avançar do piloto para a produção de forma consistente. Esse gargalo raramente é tecnológico, é econômico, organizacional e operacional.

Esse descompasso não invalida a tecnologia, ao contrário, assim como a bolha das ferrovias estourou, investidores perderam dinheiro, empresas desapareceram e, ainda assim, os trilhos permaneceram e se tornaram infraestrutura crítica para o crescimento industrial das décadas seguintes. O mesmo tende a acontecer com a inteligência artificial.

O risco maior não está na eventual correção de mercado, mas no psicológico que acompanha o auge de qualquer bolha, que é o medo de ficar para trás. Quando o discurso se torna "se você não adotar agora, ficará irrelevante", a racionalidade cede espaço à pressa e decisões estratégicas passam a ser tomadas com base em ansiedade, não em análise.

Nesse ponto, algumas perguntas deveriam anteceder qualquer grande iniciativa em IA, como: existe demanda real para essa aplicação ou estamos forçando um problema para justificar a solução? O retorno sobre investimento é mensurável ou apenas projetado em apresentações? O custo computacional, energético e operacional conversa com o benefício esperado? Há governança suficiente para lidar com riscos, como erro sistêmico, alucinação de modelos e impactos regulatórios? Ignorar essas questões é colocar trilhos onde não há rota.

É nesse ambiente de pressão que se forma a diferença entre quem usa IA como adereço estratégico e quem a incorpora como vantagem estrutural. As organizações que atravessam bolhas com maturidade são aquelas que tratam a tecnologia como meio, não como fim, conectando IA a processos claros, indicadores objetivos e decisões de negócio concretas. Entendendo que automação inteligente não é sobre substituir tudo, mas sobre orquestrar melhor o que já existe.

A inteligência artificial vai, sim, redefinir operações, produtividade e modelos de decisão, mas não da forma mágica que muitas narrativas sugerem. Assim como os trilhos que realmente prosperaram foram aqueles conectados a cidades, indústrias e pessoas, a IA que sobreviverá será a que estiver conectada a problemas reais, métricas claras e resultados sustentáveis.

(*) Country Manager LATAM da AutomationEdge.

As dúvidas sobre inteligência artificial ainda são muitas

Investidores seguem apreensivos diante de um possível "estouro da bolha" de inteligência artificial, já que os ganhos de produtividade com a tecnologia continuam difíceis de comprovar.

Vivaldo José Breternitz (*)

De acordo com uma pesquisa recente PwC, um dos maiores grupos de consultoria e auditoria do mundo, mais da metade dos 4.454 CEOs entrevistados afirmou que "suas empresas ainda não estão vendo retorno financeiro dos investimentos em IA"; apenas 30% relataram aumento de receita nos últimos 12 meses.

Em contrapartida, um expressivo contingente de 56% disse que a tecnologia falhou em elevar receitas ou reduzir custos. Somente 12% dos executivos declararam que a IA conseguiu atingir ambos os objetivos.

Os resultados reforçam as dúvidas persistentes sobre a eficácia da tecnologia, apesar de empresas do setor estarem destinando muitos bilhões de dólares à construção de data centers e infraestrutura relacionada.

"Um pequeno grupo de companhias já está transformando IA em retornos financeiros mensuráveis, enquanto muitas outras ainda lutam para avançar além dos projetos-piloto", afirmou Mohamed Kande, presidente global da PwC.

A consultoria também destacou que a maioria das empresas carece de "fundamentos de IA, como planos de ação claramente definidos e níveis adequados de investimento" para alcançar resultados concretos.

Ainda assim, permanece em aberto o



Alemedia_id_CANVA

debate sobre se despejar ainda mais recursos na tecnologia será suficiente para transformá-la em geradora de resultados, e não apenas em um peso nos balanços corporativos.

Por ora, o cenário segue pouco animador. Um relatório do MIT, amplamente citado no ano passado, concluiu que 95% das tentativas de incorporar IA generativa aos negócios não resultaram em "aceleração rápida de receita".

A própria eficácia da tecnologia tem sido questionada repetidamente, seja pelas frequentes "alucinações" dos sistemas, pela dificuldade em executar tarefas práticas

de escritório ou pelas preocupações com segurança de dados.

O tema dos retornos tangíveis sobre investimentos em IA promete dominar a pauta corporativa neste ano, à medida que executivos buscam traduzir o entusiasmo em aplicações reais e descobrir se, de fato, a tecnologia ajudará a fortalecer os resultados financeiros no longo prazo.

Muita atenção deve ser dedicada ao assunto.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas - fjnit@gmail.com.

O que é hospedagem VPS na prática e por que isso impacta sua presença online

À medida que empresas, criadores de conteúdo e serviços digitais ampliam sua atuação na internet, a infraestrutura que sustenta um site deixa de ser um detalhe técnico e passa a ser um fator estratégico. Nesse contexto, a hospedagem VPS (Virtual Private Server) surge como uma solução intermediária entre os planos compartilhados e os servidores dedicados, oferecendo mais controle, estabilidade e previsibilidade para projetos que exigem desempenho consistente.

Na prática, um VPS funciona a partir da divisão de um servidor físico em múltiplos ambientes virtuais independentes. Cada um desses ambientes opera como se fosse um servidor exclusivo, com recursos próprios de memória, processamento e armazenamento. Isso significa que, mesmo estando em uma estrutura compartilhada, o desempenho de um site não é afetado diretamente pelo tráfego ou pelas demandas de outros projetos hospedados no mesmo equipamento físico.

Essa independência técnica faz diferença no dia a dia. Em planos mais simples, picos de acesso em sites vizinhos podem causar lentidão ou instabilidade. No VPS, os recursos contratados ficam reservados, o que garante maior previsibilidade de performance. Para negócios que dependem de disponibilidade constante, como e-commerces, plataformas de conteúdo ou sistemas internos, essa estabilidade impacta diretamente a experiência do usuário e os resultados comerciais.



JOJOIKA_CANVA

Outro ponto relevante é o nível de controle. A hospedagem VPS permite configurações personalizadas do ambiente, incluindo sistema operacional, versões específicas de softwares e ajustes avançados de segurança. Esse grau de autonomia é especialmente importante para projetos que precisam atender requisitos técnicos específicos ou que trabalham com dados sensíveis. Ao isolar processos e permissões, o VPS reduz riscos e amplia a capacidade de resposta a incidentes.

Do ponto de vista da presença online, desempenho e confiabilidade são fatores cada vez mais determinantes. Sites lentos tendem a ter maior taxa de rejeição, menor tempo de permanência e dificuldades para

competir por visibilidade nos mecanismos de busca. Uma infraestrutura robusta contribui para carregamentos mais rápidos, maior estabilidade em períodos de alto tráfego e melhor percepção de qualidade por parte do público.

É nesse cenário que a escolha da hospedagem de site deixa de ser apenas uma decisão operacional e passa a influenciar diretamente a credibilidade digital de uma marca. Ao optar por soluções mais avançadas, como o VPS, empresas ganham flexibilidade para crescer, segurança para operar e uma base técnica mais sólida para sustentar sua estratégia online no médio e longo prazo (https://uolhost.uol.com.br/hospedagem-de-sites).

Galaxy Z Flip7 Edição Olímpica

A Samsung Electronics Co., Ltd. apresenta o Galaxy Z Flip7 Edição Olímpica 1, concebido exclusivamente para os atletas que competirão nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Inverno de Milão-Cortina 2026. Distribuído a cerca de

3.800 atletas olímpicos e paralímpicos de aproximadamente 90 países, o dispositivo de edição especial acompanhará os atletas ao longo de toda a experiência nos Jogos, apoiando a vida na Vila Olímpica e permitindo que capturem e compartilhem momentos significativos — da competição à celebração. O Galaxy Z Flip7 Edição Olímpica fará parte dos momentos

oficiais do pódio por meio da Selfie da Vitória, que estreará nos Jogos Olímpicos de Inverno de Milão-Cortina 2026. Pela primeira vez, a iniciativa será expandida para competições esportivas coletivas nos Jogos Olímpicos, permitindo que todos os atletas participantes documentem seu momento de vitória através de suas próprias lentes (https://www.samsung.com/br).

News@TI

Diagnóstico gratuito para grandes empresas avaliarem prontidão em Inteligência Artificial

At Indicium, consultoria global especializada em dados e inteligência artificial, com mais de 1.000 projetos concluídos na área para grandes empresas como Burger King, Volvo, Pepsico e Copa Energia, anuncia o lançamento do AI Readiness Assessment (ou Avaliação de Prontidão para IA), uma ferramenta de diagnóstico gratuita que ajuda organizações a entenderem seu nível de maturidade em IA e a identificarem os passos necessários para escalar projetos de forma sustentável. Em apenas três minutos, as empresas recebem um score detalhado, uma análise comparativa com companhias do mesmo setor e um roteiro claro de investimentos prioritários. A novidade chega em um momento crítico para o mercado. A adoção de inteligência artificial corporativa vive um ponto de inflexão: enquanto companhias no mundo inteiro aceleram investimentos em IA generativa e análise avançada, poucos conseguem transformar pilotos em resultados concretos. O potencial é extraordinário, mas capturar todo o seu valor continua sendo um desafio. Um levantamento recente do MIT, aponta que 95% dos pilotos de IA generativa não chegam à etapa de escala, principalmente por falta de infraestrutura adequada, integração de dados e preparo interno (www.indicium.ai).

Empresas & Negócios José Hamilton Mancuso (1936/2017)

Editorias Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterariaralph.com.br); Comercial: comercial@netjen.com.br; Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Laurinda Machado Lobato (1941-2021)

Webmaster/TI: Fabio Nader; Edição Eletrônica: Ricardo Souza. Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Responsável: Lilian Mancuso

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 - Vila Mariana - São Paulo - SP - CEP: 04128-080. Telefone: (11) 3106-4171 - E-mail: (netjen@netjen.com.br) Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90. JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003). Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.

Colaboradores: Claudia Lazzarotto, Eduardo Moisés, Geraldo Nunes e Heródoto Barbeiro.

ISSN 2595-8410